



Ação fitoterápicos no enfrentamento a COVID-19 nas comunidades tradicionais do campo e da cidade.

Phytotherapy Action in the fight against COVID-19 in Traditional Communities of the Countryside and the City.

FIGUEIREDO, Júlia¹; LERMEN, Maria Silvanete²; COSTA, Mailza³; CORDEIRO, Neidjane⁴; LIMA, Alexsandra⁵; SILVA, Lourinalda⁶

¹PPGCEM UESC, jmartinsjmf@gmail.com; ²Agrodoia, netelermen@yahoo.com.br;

⁶lourinalda.silva@ufrpe.br ³Comunidade Quilombola Sítio Teixeira, dhonatassamuel2010@outlook.com; ⁴Rede Aroeira de Saúde da Mulher no Campo e na Cidade, neidjanecordeiro@gmail.com; ⁵Setor de Saúde do MST, alexsandraseriao@gmail.com

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

Eixo Temático: Saúde e Agroecologia

Resumo: A Rede Aroeira de Saúde da Mulher no Campo e na Cidade (RASMC) é uma articulação que tem como objetivo de fortalecer e articular as ações de cada uma em suas comunidades/territórios na prevenção e promoção da saúde integral no campo e na cidade. O presente trabalho é uma sistematização das ações desenvolvidas pela RASMC no ano de 2020 no enfrentamento da pandemia frente ao COVID-19 no campo e na cidade. As ações se deram através de planejamentos participativos das rendeiras por reuniões remotas e presenças. As ações estavam voltadas para atendimentos, distribuição dos PTFs, EPIS, alimentos, realização de oficinas de PTFs, implantação de Farmácias Vivas (FV) e laboratórios de campanhas no campo e na cidade. Foram implantadas 05 FV e laboratórios, realizamos oficinas e distribuimos de PTFs em várias comunidades no campo e na cidade. Com essas ações conseguimos fortalecer as rendeiras e suas comunidades/territórios na prevenção e promoção da saúde integral no campo e na cidade.

Palavras-Chave: plantas, saúde, tradição.

Contexto

A Rede Aroeira de Saúde da Mulher no Campo e na Cidade (RASMC) foi criada em outubro de 2019, durante o III Simpósio de Plantas Medicinais Dialogando com o Saber Acadêmico com o Saber Popular: Saúde da Mulher no Campo e na Cidade, que ocorre em dois em dois anos. Nas reuniões preparatórias já estava sendo discutida a possibilidade das mulheres promotoras da saúde integral estarem em rede com o objetivo de fortalecer e articular as ações de cada uma em suas comunidades/territórios. Atualmente somos uma articulação de mulheres que fazem parte de outras redes, coletivos, cooperativas como: Mulheres Agricultoras, Mulheres Apicultoras, Mulheres Boninas (coletivo), Mulheres Indígenas, Mulheres Quilombolas, Mulheres do Pajeú, Mulheres do Cuidado Ginecológico, Mulheres da Agricultura Urbana, Mulheres da Saúde do MST, Mulheres da Agrodoia Mulheres do Flor de Mulungu (coletivo), Coletivo de Mulheres Construtoras, Mulheres do LAQAF/UFRPE (laboratório de química aplicado a fitoterápicos), CESAM (Centro de



Saúde Alternativa de Muribeca), Mulheres da Agroecologia, Mulheres do movimento de parteiras tradicionais, rezadeiras e parteiras.

No início de 2020 as rendeiras antenas (articuladoras) nas suas comunidades/territórios já estavam realizando levantamento das condições de saúde que antecedia a pandemia. O agravamento das questões socioeconômicas e o aumento da fome. Já tínhamos algumas rendeiras iniciando campanhas na rede de como contribuir na autonomia dessas famílias afetadas nas nossas comunidades/territórios. Com a quarentena e aumento dos números de casos de COVID-19 nos iniciamos com um vakinha para levantar recurso para a produção dos Produtos Fitoterápicos Tradicionais (PTF), que até os dias atuais tem sido utilizados para promoção de saúde e principalmente para tratar os sintomas de gripes e resfriados no Estado de Pernambuco.

Nas nossas reuniões da rede, as rendeiras representantes de seus povos, comunidades se posicionaram levantando a real situação e nos elaboramos estratégias de produção, distribuição e consultas presenciais e remotas dessas famílias no Estado de Pernambuco e em outros estados do Brasil. Foram selecionadas as comunidades prioritárias aos suportes da articulação da rede e quando aprovamos o projeto intitulado: Ação Fitoterápicos nas Comunidades tradicionais do Campo e da Cidade no enfrentamento a COVID-19, com apoio do Fundo Casa, nós já tínhamos as comunidades sendo assistidas pela articulação da rede no campo e na cidade.

As comunidades selecionadas foram: 1. Comunidade Quilombola Teixeira, Betânia-PE, abriga 300 famílias, possui trabalho predominante proveniente do corte da cana de açúcar em outros municípios e estados, alguns trabalham com a criação de animais; 2. povo indígena Kambiwá, Ibimirim-PE, com mais de 30 mil hectares o território é dividido em 7 aldeias com a totalidade de 700 famílias residentes sofre com a questão de desmatamento nas suas terras pelo governo federal; 3. Tracunhaém atuam através Grupo Cultural da comunidade rural do Oitenta, Aldeia, Trachuhaem-PE, na cidade de Camaragibe, Recife. O grupo busca a reflexão a partir da prática da Capoeira e da Parteira tradicional como instrumento de transformação social, parteira na tradição e rezadeira, integrante do Cais do Parto, Rede ESCTA (Escola de Saberes, Cultura e Tradição Ancestral) Brasil e Rede Nacional de Parteiras Tradicionais; 4. A Comunidade Tradicional Pesqueira Ilha de Deus, Recife-PE, possui 372 famílias, compondo um cenário de 82% de profissionais que vivem da Pesca Artesanal, garantindo a soberania e segurança alimentar de toda a sociedade. O impacto gerado pelo crime ambiental de derramamento do petróleo bruto, que acometeu toda a extensão da costa Nordeste, somado a atual condição de Pandemia, fragilizou o potencial de geração de recursos e compromete a sustentabilidade dessas famílias. Além dessas comunidades também realizamos atividade através da ação do Mãos Solidárias na Comunidade Quilombola Varzinha dos Quilombolas, Iguaracy-PE, Comunidade do Papa, Ibura, Recife-PE, Comunidade de Marisquiera, Maracaípe-PE, Comunidade do Poço da Cruz, Ibimirim-PE e a Comunidade Cachoeira do Cancão, Afogados da Ingazeira-PE.



O Coletivo Flor do Mulungu e a AMARFITSA-PE (Associação dos Manipuladores de Remédios Fitoterápicos Tradicionais Semi-Artesanais de Pernambuco) em articulação com a RASMC. Produzir lambedores de Angico, Imburana de Cheiro, Chambá e Espinho de Cigano para tratar os sintomas de gripes e resfriados inclusive da COVID-19 que teve início nos meses de março a maio de 2020 atuando em algumas comunidades, como as Marisqueiras de Maracaípe, Ipojuca – PE e Comunidade de Agricultores do Poço da Cruz, Sertão do Moxotó, Ibimirim-PE, com bons resultados. Com o apoio do Fundo Casa Emergencial pela aprovação do projeto intitulado: Ação Fitoterápicos nas Comunidades tradicionais do Campo e da Cidade no enfrentamento a COVID-19, estas ações foram estendidas aos povos tradicionais no período de julho a dezembro de 2020 para o Sertão do Moxotó, Pajeú e outros municípios da RMR (Região Metropolitana do Recife) estabelecendo a relação campo-cidade na prevenção e promoção da saúde.

A equipe de saúde das ações de campo receberam um treinamento pela ação das Mãos Solidária na pessoa da Profa Paullete e da nossa rendeira Leka Rodrigues que na época estava coordenando o Setor de Saúde Estadual do MST-PE. Nós recebemos a formação de agente populares de saúde (APS) e fomos as primeiras a formar APS quilombolas e indígenas.

O objetivo desse trabalho foi sistematizar as ações realizadas pela articulação da Rede Aroeira de Saúde da Mulher no Campo e na Cidade no período da pandemia no ano de 2020 na prevenção e promoção da autonomia em saúde nas comunidades no campo e na cidade.

Descrição da Experiência

1-LEVANTAR AS PLANTAS E PRÁTICAS DE SAÚDE NOS TERRITÓRIOS – esta atividade foi realizada mobilizando as mulheres no campo e na cidade que detêm os saberes e fazeres de utilização das plantas medicinais na prevenção e tratamento de gripes e resfriados. Foram realizadas entrevistas com anciões e anciãs dos territórios.

2-CRIAR PROTOCOLOS DE PREVENÇÃO E TRATAMENTO – com base nas plantas e tratamento já utilizados nos territórios foram elaborados os protocolos que dialogassem com o campo e a cidade. Foi divulgado no instagram da @redearoeirasaude e nos atendimentos que foram prestados por algumas rendeiras.

3-DIVULGAR TODO O MATERIAL PARA COMUNIDADES NO CAMPO E NA CIDADE – todo o material levantado foi sistematizado pelo Coletivo Mulungu e uma Pos-doc da UFRPE especializada em Botânica. Esse material encontra divulgado no instagram da @redearoeirasaude. Também rendeiras participaram de algumas atividades com várias iniciativas para divulgação das informações sobre saúde integral na prevenção e tratamento do Covid-19.



4-ATENDIMENTO DE ORIENTAÇÃO DE SAÚDE – algumas rendeiras fizeram atendimentos presencias e online com objetivo de prestar orientação de prevenção e tratamento de saúde de acordo com os protocolos. Na realidade da população do campo e da cidade quando alguém apresentava os sintomas do COVID-19 não tinha como isolar esta pessoa, em uma família que moram 10 pessoas em casa. Então iniciávamos o tratamento de prevenção com a família e o tratamento de cura com a pessoa doente, sendo estes dois protocolos distintos. A base da orientação de saúde é a alimentação e o uso da própolis a 30% tanto na prevenção quanto no tratamento. As pessoas que estavam doentes o tratamento era com as plantas medicinais por chás, lambedores, inalações, benzimentos, rezas e entre outras práticas. Também foi elaborado duas formulações através do CESAM de produção de dois fitoterápicos para tratamento do COVID-19 que foi o angico (expectorante) e espinho de ciano (broncodilatador) e angico e imburana de cheiro (broncodilatador). Estes lambedores foram distribuídos nas comunidades do Campo e da Cidade desde março até agosto de 2020. As comunidades que receberam os fitoterápicos e forma monitorados pelas rendeiras foram: Comunidade de Pescadores Tradicionais da Ilha de Deus, Recife – PE, Comunidade de Marisqueiras, Maracápe, Ipojuca-PE e Comunidade de Poço da Cruz, Ibimirim-PE. Cada comunidade receberam cera de 250 lambedores para serem utilizados quando aparecerem os primeiros sintomas de gripe.

5- AÇÕES DO PROJETO - foi realizado a entrega de cestas básica, material de higiene e limpeza articulado a preferência alimentar das comunidades/territórios. Em seguida as rendeiras selecionaram 10 mulheres que seria o máximo de pessoas por uma questão sanitária. As oficinas de produção PTF foram realizadas nas escolas, associações e domicílio das mulheres, utilizando a cozinha como laboratório. Já a implantação do laboratório de campana, o espaço era na cozinha e todo utensilio utilizado para produção das tinturas e lambedores ficaram em local reservado. com base no conhecimento das comunidades/territórios; Implantar Farmácia Viva em um local que fosse reservado e de fácil manejo. Também foi realizada a formação de APS e distribuído os fitoterápicos para pessoas gripadas e resfriadas.

Resultados

Reforçamos junto as mulheres os saberes e práticas da Saúde dos territórios. Como benzimento, reza, as raizadas, garrafadas em diálogo com as práticas que foram desenvolvidas junto com as ações. A quantidade de plantas levantadas variara de comunidade a comunidade. As mulheres do Povo Kambiw apresentaram maior diversidade de plantas, saberes e práticas.

Foi realizado a catalogação das plantas medicinais de cada comunidade. Também conseguimos estimular o banco de sementes das plantas nativas e produção de mudas. Momento muito rico e com muitas trocas de saberes. Foram várias formulações apresentadas com as plantas medicinais das comunidades/territórios. As mulheres do Povo Kambiw apresentaram sigilo na preparação e elaboração do



feito para preservar os conhecimentos ancestrais. As mulheres faziam seus lambedores e depois a equipe técnica apresentava a produção do PTF somando com os saberes e práticas das mulheres do CESAM. Desta forma garantimos a socialização dos saberes e práticas da RASMC e as mulheres das comunidades tradicionais.

As mulheres apontaram nas suas comunidades onde seria implantadas as FV, sendo a maioria implantada no quintal da casa de uma das mulheres que estava participando da atividade. Ao iniciarmos a implantação perguntávamos se elas tinham plantas nos seus quintais que tratassem sintomas da gripe e resfriados. Os relatos foram bem ricos e elas introduziram na FV estas plantas trazidas de seus quintais. Nós levamos 20 mudas de plantas medicinais produzidas pelas mulheres do CESAM. Algumas espécies as mulheres não conheciam, como a cúrcuma e a colônia. Foram implantada 5 FV: duas no Sertão do Moxotó, uma na Comunidade Quilombola Sítio Teixeira e a outra no Povo Kambiawa, na Aldeia Baixa da Alexandra. Duas FV foram implantadas na RMR, uma na Comunidade tradicional de Pescadores Ilha de Deus e a outra na Comunidade do Papa no Ibura, Recife-PE. A última implantada foi na Comunidade Malokanbo em Tracunhaem-PE. Utilizando a Permacultura e agricultura orgânica de base agroecológica para implantação das FV. Realizamos vários diálogos de técnicas de irrigação, compostagem e manutenção dos espaços.

As mulheres identificaram os locais para serem implantados os LF (Laboratório de Fitoterápicos). O CESAM fez a formação da equipe de saúde da RASMC, antes de irmos para o território e ficou em breve as mulheres conhecerem os laboratórios da AMARFITSA. Essa formação foi importante para as atividades de boas práticas de produção nas comunidades. As formulações foram selecionadas de acordo com os diálogos e trocas estabelecidas com as mulheres. Foram várias formulações com plantas que muitas vezes só eram encontradas em territórios sagrados. Forma implantados 6 LF sendo que um deles foi implantado dentro da ONG Caranguejo Uça. O LF tem vários materiais para produção de lambedores e tinturas, utensílios adequados para a produção seguindo as boas práticas.

Ao chegarmos nas comunidades/territórios foi reforçado os protocolos sanitários para prevenção da incidência de que as pessoas doentes. A fitoterapia como um tratamento eficaz no combate a COVID-19 foi utilizada no tratamento de mais de 100 pessoas em cada comunidade reduzindo o agravamento destes para SARS. Foram entregues 1000 lambedores, que são expectorantes e broncodilatadores, produzidos pela AMARFITSA, 250 para cada comunidade. Disseminamos a produção de sanificantes com três formulações que auxiliam na descontaminação de alimento, ambientes e objetos. Reforçamos a questão dos cuidados com a higiene pessoal de acordo com a realizada de cada comunidade.

Foram entregues 76 cestas básicas para 76 mulheres que foram selecionadas pelas rendeiras de cada comunidade. As cestas foram montadas pelas rendeiras e elas articularam a entrega antes de iniciarmos as atividades. Isso foi importante para a articulação para desenvolver as ações do projeto.



As comunidades que foram beneficiadas com o projeto no início das ações estavam um pouco resistentes e também com poucas informações sobre os protocolos sanitários para o enfrentamento do COVID-19. A utilização dos saberes e práticas ancestrais estavam indisponibilizados pelo fato que as raizeiras, parteiras e benzedadeiras serem na sua maioria do grupo de risco.

As orientações de segurança e soberania alimentar, valorização a alimentação de cada território, as práticas realizadas junto aos agentes comunitários e a apropriação do conhecimento das boas práticas de produção dos lambedores e tinturas para oferecer as comunidades quando identificado pessoas que apresentassem os sintomas de gripes e resfriados, reduzindo novos casos de COVID-19. A atividade hoje é reconhecida pelas lideranças e pelas frente de Saúde de cada comunidade. Hoje elas fazem oficinas e dão orientações em domicílio para as comunidades sendo identificadas como agente populares de saúde.

Das comunidades que foram implantadas as ações do projeto, podemos dizer que as mulheres da Aldeia da Baixa da Alexandra do Povo Kambiwa, Sertão do Moxotó, Inajá -PE, foram as que mais se destacaram pelo empoderamento e força dessas mulheres. Além de serem detentoras de saberes e práticas da saúde integral do seu povo são mulheres que são articuladas com as lideranças do seu povo. Assim que receberam a implantação e a formação do projeto elas foram convidadas para vários eventos do seu povo para explicar o trabalho de saúde que estavam fazendo dentro da aldeia de forma que foram convidadas a multiplicar para outras aldeias do seu povo.

As APS Kambiwa, ou melhor dizer, Grupo das Mulheres Kambiwa em Ação estão fazendo parte da feira agroecológica onde elas têm uma barraca da saúde que prestam orientações de saúde, utilização das plantas medicinais no enfrentamento do COVID-19 e são referência nacional como as agentes populares de saúde indígenas. Elas participaram da festa sagrada do povo chamada de Ouricuri em setembro de 2020 e montaram uma barraca para dar orientações de saúde. Como a festa ocorre em Serra Negra, Floresta-PE por conta do frio, muitas pessoas apresentaram sintomas de gripes e resfriados e as mulheres dispensaram os fitoterápicos produzidos pelo CESAM e ficaram acompanhando as pessoas até melhora do estado de saúde.

Nessa sistematização das ações protagonizadas pelas mulheres em suas comunidades/territórios junto com a articulação da RASMC observamos que temos muitos desafios colocados sobre saúde e agroecologia na contribuição da saúde integral de forma ampla e que possa fortalecer a autonomia da saúde ancestral, tradicional e popular.

Agradecimentos

O apoio pelo Fundo Socioambiental CASA, ao Centro de Mulheres do Cabo, ao Setor do MST na formação das agentes populares da equipe rendeiras de saúde.